

# ABEU 30 anos

Uma jornada de todos nós



**Marcelo Luciano Martins Di Renzo**

*Jornalista e Mestre em Educação, é presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), gestão 2015-2017, e coordenador da Editora Universitária Leopoldianum (EDUL), da Universidade Católica de Santos.*

← 30



Comemorar três décadas de atuação associativa em defesa da produção editorial universitária brasileira equivale também a festejar ruidosamente a contribuição efetiva deste segmento laboral à Educação, por meio da difusão do conhecimento científico que atesta a maturidade acadêmica das instituições de ensino, públicas e privadas, permanentemente evoluindo em contextos de mudanças severas locais e globais decorrentes de questões políticas, agruras econômicas, avanços tecnológicos e revoluções sociais.

A Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) tem consciência de seu papel social e atuação ao longo destes 30 anos de existência. Criada em 1987, conquistou a visibilidade ao trabalho as editoras universitárias. Atraiu o público aos seus eventos, cativou leitores. E constituiu-se em um fórum de discussão permanente sobre todas as necessidades demandadas pelo setor. Os esforços resultaram na evolução da qualidade da produção e na quantidade produzida; no contínuo enfrentamento às dificuldades comuns como a distribuição e comercialização da produção; no estímulo à profissionalização do setor; na internacionalização por meio do relacionamento com as coirmãs latino-americanas, mexicanas, caribenhas e portuguesas.

Hoje, reúne 119 associadas distribuídas nas cinco regiões do Brasil, com uma produção estimada em 2000 títulos novos por ano, em especial na área técnico-científico. “Os dados apresentados demonstram que de fato há um crescimento e consolidação das editoras universitárias”, refere-se a professora Flávia Rosa em sua avaliação sobre o resultado da mais recente pesquisa interna realizada pela Associação (Rosa, 2016).

Essa loa, convertida em pequeno artigo generosamente acolhido pelos editores desta publicação e distante de exagerada mesmo que assim lhe pareça, prezado leitor, é necessária e justa. Ao saudar os trinta anos da ABEU, a completarem-se em 2017, saúda todos e todas que investiram tempo e esforço na construção e ordenação deste segmento produtivo, dando-lhe forma, respeito e inestimável valor.

Dezenas de acadêmicos viram-se diante do desafio de converterem-se em editores de livros da noite para o dia. Tiveram de aliar seus conhecimentos técnicos e literários ao operacional da prática editorial, aprender os novos ofícios derivados do mercado profissional. O cenário ainda guarda essas peculiaridades, mas é diverso hoje. A constante discussão sobre esses processos, sobre os prós e contras de cada etapa do processo produtivo, sustentada e oferecida pela Associação possibilita um aprendizado mais rápido e consistente, num diálogo enriquecedor.

Ao mesmo tempo, permite avaliar o presente. Em uma mistura de cenários em que se busca a internacionalização da Educação, por um lado, e por outro, convive-se com a acelerada e urgente adaptação a uma sociedade que se reinventa diante das possibilidades avassaladoras da tecnologia da comunicação, do poder das redes sociais e das novas formas

de leitura, as editoras apresentam-se ao desafio: manter um papel protagonista nas mudanças.

*Longe de querer afirmar que são as editoras e seus livros os únicos responsáveis por fazer circular e perpetuar o conhecimento, o que se almeja é fixar os olhos em horizontes menos nublados e compreender que o livro segue sendo uma poderosa ferramenta nessa direção (Canossa-Mendes, 2011, p. 8).*

Ser protagonista corresponde a verdadeiras batalhas à frente. Internacionalizar por meio de parceiras e da flexibilização alfandegária que estimule a livre circulação da produção acadêmica, facilitando as negociações dos títulos. Internamente, superar a insegurança fiscal. Investir tanto nas bases digitais para circulação de sua produção, quanto ainda mais na compreensão e estímulo às novas formas de leituras, no entendimento das novas formas pedagógicas. Devem as editoras das universidades acolher este mundo novo e contraditório, propondo às suas casas novas linhas de pesquisas e debates, buscando novas formas de relacionamento com seus públicos.

De certa forma, esse conjunto de batalhas não é de todo desconhecido. Há uma relação secular entre livros e universidades. Também se desenhou um mundo de descobertas tecnológicas e de impulso às rupturas com as práticas existentes, buscando-se algo mais adequado à modernidade de então. Se a produção livresca beirava as técnicas de uma obra de arte, igualmente demorada em sua conclusão e de custo elevado, reservando-se, portanto, à elite real e às bibliotecas das poucas instituições de ensino e das casas religiosas, hoje os desafios invertem-se, mas não são menores em seu grau de dificuldade.

A celeridade proporcionada pelas novas formas de impressão foi, em poucos anos, transformando o livro em um dos ícones da cultura de massas e agora, em mercadoria do universo do entretenimento, comercializado inteiro ou em fragmentos. Barateou-se, tornando-se acessível e em determinados países, tem no Estado seu grande comprador. Em contrapartida, multiplicou-se em quantidade impossível de ser apreciada por uma pessoa ao longo de sua vida. A tecnologia ampliou o abismo entre os volumes de títulos à dispo-

sição e a capacidade de aproveitamento e, de quebra, contribui para o surgimento de novos tipos de leitores, que abandonaram a fruição delicada da leitura pela velocidade avassaladora das imagens e signos de hoje.

O livro universitário, por suas peculiaridades, consegue ainda sobreviver em seus nichos de excelência, formado por acadêmicos de toda ordem. No entanto, sua missão, e de suas casas editoras, não é limitada ao usufruto exclusivo de seus próprios pares. Deve almejar dirigir-se a um mundo que necessita de formação contínua para enfrentar seus próprios desafios de evolução e sobrevivência. Promover o conhecimento científico, desse modo, exige dispor-se ao enfrentamento da nova ordem do consumo cultural. Se de um lado, a quantidade de títulos aumenta, decai a tiragem de cada edição, buscando-se o equilíbrio financeiro. Se a qualidade de conteúdos ainda é uma exigência fundamental, as técnicas comerciais e de promoção passaram a compartilhar espaço nas mesas de decisões, exigindo reformulações das equipes editoriais.

A vivência associativa possibilita buscarem-se respostas aos desafios propostos e fazer do questionamento constante uma ferramenta de superação. Em fóruns periódicos, discutem-se esses temas e constroem-se vínculos.

*É justamente o fazer editorial universitário na América Latina que nos motiva a reunir pessoas, suas `contemplações` e experiências, para possibilitar, mais que um amplo painel, um olhar diferenciado, qualificado, interessado nas mudanças de nossa contemporaneidade e nas formas de abordá-la, observá-la, compreendê-la e, ao assim proceder, superar desafios e ousar na proposição de trilhas possíveis, novos cenários (Canossa-Mendes, 2011, p. 9).*

A dinâmica já vai além da nossa América, acontece na Europa e na América do Norte. Os encontros internacionais de editores universitários se constituem em uma agenda sólida, que tende a crescer. E as pautas, se bem observadas, assemelham-se, convergem, evidenciando que o local está cada vez mais global.

Ao olharmos a trajetória da ABEU, os conflitos que enfrentou, os passos que deu, a sua consolidação com



uma instituição capaz de dialogar com seus pares e de ser digno e ativo representante de seus associados em todos os fóruns de discussão e instâncias de poder, entendemos que há muito o que comemorar, mesmo existindo ainda uma extensa agenda a executar. Cumpre, assim, sua missão: “Atuar no desenvolvimento da cultura editorial universitária, de modo corporativo e ético, fornecendo soluções, produtos e serviços adequados às necessidades dos associados, das instituições parceiras e dos leitores, contribuindo para as políticas do livro e da leitura no país”.

Essa realidade permite à associação rejuvenescer em seus propósitos, em sua missão. Os sonhos não são abandonados apesar da dificuldade em realizá-los, por vezes. Ainda é preciso garantir, na forma da lei, a segurança constitucional das editoras, de modo superar-se os problemas ora enfrentados, de sustentabilidade, de comercialização, de gestão, de estabilidade e de formação profissional. É preciso atentar aos direitos do autor e, na mesma medida, encontrar-se mecanismos ao livre trânsito das ideias acadêmicas, frutos que são da pesquisa e do estudo em favor da evolução humanidade, sem estabelecer-se dificuldades derivadas de entraves comerciais.

Festejaremos os nossos 30 anos brindando com todos aqueles que compartilham conosco este pensar, esta caminhada. Esta história, de algum modo e de muitas maneiras, é a história de todos nós, editores universitários, é a história de todas as nossas Associações.

## Referências

- Canossa-Mendes, J.C.; Restrepo, J.F.C. (eds.) (2011). *Edición Universitaria Em América Latina. Debates, retos, experiencias*. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario.
- Rosa, F.G.M.G. (2016). Pesquisa ABEU 2015: avanços e conquistas. *Revista VERBO*, 12.